



Artigo:

A modernidade através da obra de três poetas contemporâneos: uma análise

Modernity through the work of three contemporary poets: an analysis

La modernidad a través de la obra de tres poetas contemporáneos: un análisis

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.18086667>

Ariel Montes Lima
UFMT

Resumo

Este artigo apresenta uma análise literária de três poemas contemporâneos. Para tanto, nos baseamos na análise de corpora, amparada pela revisão bibliográfica necessária. Tivemos como objetivo estudar os mecanismos empregados na materialidade do texto e quais seus possíveis efeitos de sentido, bem como investigar as eventuais relações entre os alvos da análise. Evidenciamos suas convergências temáticas, representacionais e técnicas. Concluiu-se que os textos apresentam características particulares do período histórico em que foram escritos, o que destaca seu valor enquanto objeto de estudo dentro da crítica literária.

Palavras-chaves: Literatura Contemporânea. Revista Literária. Crítica Literária. Modernidade.



Abstract

This article presents a literary analysis of three contemporary poems. To this end, we relied on corpus analysis, supported by the necessary bibliographic review. Our objective was to study the mechanisms employed in the materiality of the text and their possible effects on meaning, as well as to investigate the possible relationships between the targets of the analysis. We highlighted their thematic, representational, and technical convergences. It was concluded that the texts present particular characteristics of the historical period in which they were written, which highlights their value as an object of study within literary criticism.

Keywords: Contemporary Literature. Literary Magazine. Literary Criticism. Modernity.

Resumen

Este artículo presenta un análisis literario de tres poemas contemporáneos. Para ello, nos basamos en el análisis de corpus, con el apoyo de la necesaria revisión bibliográfica. Nuestro objetivo fue estudiar los mecanismos empleados en la materialidad del texto y sus posibles efectos en el significado, así como investigar las posibles relaciones entre los objetos de análisis. Destacamos sus convergencias temáticas, representacionales y técnicas. Se concluyó que los textos presentan características particulares del período histórico en el que fueron escritos, lo que resalta su valor como objeto de estudio dentro de la crítica literaria.

Palabras clave: Literatura contemporánea. Revista literaria. Crítica literaria. Modernidad.



INTRODUÇÃO

1.INTRODUÇÃO

O presente artigo visa analisar três poemas de diferentes autorias publicados na Revista Sucuru, Nº 31 de Setembro-2023. A metodologia utilizada foi a análise de *corpora* associada à revisão de literatura. Com isso, buscamos explorar os recursos empregados pelas pessoas escritoras e suas possíveis relações internas (entre os textos) e externas (com o contexto histórico em que estão inseridos).

2.1REFERÊNCIAL TEÓRICO

Parece ter sido uma constante, dentro dos estudos literários, a busca por isolar estruturas primitivas e reconhecê-las em face de um aparato textual complexo. Esse movimento pode ser reconhecido dentro de estudos críticos como o de Ginzburg (2000), Vieira (2001), Eagleton (1983) e Zilberman (2012).

Com efeito, ainda dentro dos estudos literários em língua portuguesa, destacam-se os trabalhos de Bosi e Capinha (1992), de Bosi (1994) e Cândido (1964), cuja abordagem, em interface com a história, proporciona uma percepção algo mais abrangente do que a análise estrita da forma composicional.

Ambas as abordagens têm valor indiscutível em face da herança cultural e científica que deixaram à posteridade. Contudo, a partir da consolidação do campo de estudos literários como uma ciência autônoma; suficientemente distinguida da análise do discurso, da filosofia ou da história, a mescla da análise técnico-formal com o juízo valorativo para com o objeto estudado já não condiz com o trabalho em questão.

Assim, o apuro pela aprovação de um “crítico”, cuja leitura atenta teria como imperativo o aceite ou o rechaço popular perde seu lugar social para o trabalho científico entre as universidades (QUEIROZ, 2019). Diante desse



contexto, é possível observar certo “progresso” –se é possível nos valermos dessa postura de juízo– na maneira como os estudos se voltam para o objeto literário.

Sem embargo, o macroprocesso verificado no movimento do número de estudos em direção a um cânon muito bem delimitado traz à tona determinadas problemáticas no que diz respeito à permanência da percepção valorativa do que, ao fim e ao cabo, “mereça” um empenho dos estudiosos da literatura. É dizer: a escolha do objeto de estudo ainda parece enviesada por um olhar colonial que busca colocar seu enfoque não no que é produzido, mas no que é “relevante”.

O problema da relevância, contudo, reside no fato de que o prestígio de uma obra literária não se baseia única e inequivocamente em seu suposto valor estético: algo que também não está tão bem-conceituado e que traz uma inerente carga subjetiva.

Sobre o primeiro tópico, é sabido que o sucesso de vendas de um livro está relacionado à posição social de quem o escreveu. Esse ponto, que não é unívoco, está atravessado pelo gênero de quem escreve, pela origem étnica e geográfica, pela língua usada, pelo investimento monetário ali concentrado, pela editora responsável pelo projeto *etc* (DALCASTAGNÈ, 2017).

Por essa razão, rompendo, inclusive, determinadas convenções próprias deste gênero, incluo aqui a justificativa dessa pesquisa. Com efeito, nosso objeto de pesquisa aqui analisado se constitui de 03 poemas escritos por pessoas escritoras fora dos padrões canônicos e a escolha *per se* por semelhante objeto implica uma contestação da ordem do que “merece” o olhar da crítica.

2.2 EXPOSIÇÃO DO *Corpus*

Nessa seção, apresentamos o *corpus* aqui analisado. Esse se compõe de três poemas publicados na Revista Sucuru Nº 31, publicada em setembro de 2023.



O primeiro poema é de autoria de Daniel Rodas, que, além de escritor, é também editor e fundador da sobredita revista. O autor é ainda graduado em Letras e atualmente mestrando em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). É autor da plaquete *Eros e Saturno* (Editora Primata, 2021) e do livro *Umbuama* (Editora Urutau, 2021). Participou das antologias *Poesia fora do eixo* (Toma Aí Um Poema, 2022), *Engenho Arretado: poesia paraibana do século XXI* (Patuá, 2023) e *Casa Encantada: o conto fantástico paraibano* (Arribaça, 2023). Possui textos publicados em diversos meios eletrônicos, tanto no Brasil quanto no exterior. Enxerga a poesia como um fluxo, o fluir incontrollável da vida (RODAS, 2023, p. 17)

O poema em questão -reproduzido abaixo- é baseado no texto *L'Infinito* do poeta italiano Giacomo Leopardi: o que justifica seu título de variação.

VARIAÇÃO I

sempre caro me foi o verde morro. 01
e esta cerca: que por todos os lados
a vista à tempestade exclui.
mas meditando e olhando: infinitos
espaços além dela.
e sobre-humano silêncio – 05
profundo sossego no vazio imagino
e portanto o coração não salta.
e quando as folhas ao vento ouço
o sussurrar: este infinito silêncio.
vou comparando à imensidão do ar 10
cuja boca eterna
em nada as estações exclui.
desta verdade o pensamento em mim
se afoga:
e é doce o penetrar-se neste mar. 15



Já o segundo texto alvo de análise é de autoria de Larissa C. G. Oliveira. A escritora é natural de Campina Grande, na Paraíba, Brasil. Sonha e escreve histórias desde que se entende por gente. Para seguir respirando neste mundo, precisa de uma boa dose de poesia — antídoto que aprende a produzir, como um alquimista, por meio da Arte (OLIVEIRA, 2023, p. 37). Abaixo se reproduz o texto em questão:

Pescaria

As águas cristalinas, nas ondas das páginas, 01
deixam escapar sua profundidade e seus buracos,
e em um tipo diferente de pescaria,
só se observa os peixes a nadar
acompanha-os com os olhos, 05
linha após linha, de palavras escamosas e coloridas,
então comunga-se com sua forma
e por um momento é possível respirar no mergulho.
Um pescado, um feliz achado.
A surpresa rapidamente escorrega pela respiração 10
fortuita literatura a me pescar.

Por fim, o último poema escolhido é de autoria de Isabel Furini. Escritora, poeta e palestrante, a artista é autora de 30 obras publicadas, destacando-se entre elas o livro de poemas *Os Corvos de Van Gogh* (Editora Instituto Memória, 2013). Foi agraciada com a Comenda Ordem de Figueiró e nomeada Embaixadora da Palavra pela Fundação Cesar Egido Serrano, na Espanha. Atua como colunista na Revista Carlos Zemek de Arte e Cultura e no Jornal Cultural Rol, além de ser idealizadora do projeto *Poetizar o Mundo*. Sua produção poética integrou exposições realizadas no Brasil, em Portugal e na Argentina, e obteve reconhecimento por meio de premiações em diversos concursos literários de poesia, em âmbito nacional e internacional (FURINI, 2023, p. 45). Abaixo, apresentamos o texto:



Velhice

falsas palavras amorosas 01
comparam a velhice a um jardim de rosas
mas a velhice é um deserto árido
com relógios quebrados
e escuros retratos antigos 05
espalhados no caminho
a velhice é uma estrada perigosa
com fantasmas indo e voltando
e rumiando palavras vazias
perto das Moiras que vigiam a linha do horizonte 10
onde permanecem inalcançáveis
o esboço dos destinos humanos e uma tesoura

Informo ainda que foram introduzidas contagens numéricas dos versos com vistas a facilitar a referência e análise.

2.3ANÁLISES

2.3.1Variação I

O poema é estruturado sem divisões entre estrofes. A métrica tampouco é fixa, sendo o primeiro composto por versos livres. Se percebe, sem embargo, algumas rimas assonantes eventuais, como entre os v. 02 e 04; 05 e 06; 08 e 09 com a vogal /o/ e entre 11 e 13 com a vogal /a/.

A pontuação adotada no texto também apresenta peculiaridades, uma vez que a inclusão do ponto finalizador [.] não implica encerramento do período na passagem dos v. 01-03. Ao contrário, o conectivo aditivo [e] introduzido no início do v. 02 evidencia a extensão do sentimento de careza presente na oração principal:

sempre caro me foi o verde morro. 01
e esta cerca: que por todos os lados
a vista à tempestade exclui.



Sintaticamente, embora divididos pela pontuação, os três versos formam parte da mesma unidade. O emprego dos dois-pontos também chama a atenção por introduzir um aposto explicativo ligado ao nome “cerca”: a cerca que exclui a vista por todos os lados diante da tempestade. Há um hipérbato claro nos v. 02-03, o que adiciona uma camada de complexidade à estrutura, além de destacar no v. 03 o termo “a vista”, sinalizando que se trata de um sentido amplo de visão. Ou seja: da (im)possibilidade de ver além quando a tempestade incide sobre a cerca.

O sentido de solidão emerge dessa conjuntura poética, na qual o eu-lírico se percebe como um sujeito diminuto e “ilhado” em sua própria condição de humano. É possível percebermos sua angústia nos v. 03-09:

mas meditando e olhando: infinitos
espaços além dela.
e sobre-humano silêncio – 05
profundo sossego no vazio imagino
e portanto o coração não salta.
e quando as folhas ao vento ouço
o sussurrar: este infinito silêncio.

Nos v. 03 e 09, percebe-se uma suspensão da ação demarcada, novamente, pelo emprego dos dois-pontos. Também há um paralelismo entre os termos “infinitos espaços” e “infinito silêncio”. Notamos ainda que os termos “espaços”, “silêncios” e “vazio” contribuem para a construção figurativa de um eu perante a imensidão.

Nos v. 07-09 é possível ainda observar a presença de uma aliteração com o fonema /s/, cuja repetição evoca o ruído do vento soprando as folhas. Esse recurso ainda facilita a visualização idílica do vento incidindo sobre a vegetação.

No v. 09, vez mais uma, é perceptível a continuidade da oração com o conteúdo dos v. 10-12:



vou comparando à imensidão do ar 10
cuja boca eterna
em nada as estações exclui.

A reflexão proposta sobre a imensidão ratifica a vacuidade da existência desse minúsculo eu, insignificante em face à dureza do mundo. Mais do que isso, todavia, a própria “imensidão do ar”, afirma, é vã, pois não é capaz de excluir as estações da natureza, evidenciando que o ciclo natural perdura a pesar da condição individual.

Os versos finais do poema destacam, por sua vez, já uma visão conformada do eu-lírico:

desta verdade o pensamento em mim
se afoga:
e é doce o penetrar-se neste mar. 15

A esse ponto, o sujeito poético evidencia uma noção profunda de melancolia e irrelevância pessoal diante do porte do “Todo”. A própria reflexão e experiência são, destarte, colocadas como algo mais além do eu, pois esse indivíduo percebe-se diante de uma complexidade de elementos além, inclusive, de sua condição como tal. Assim, ele não deixa de contentar-se em, como mais um em meio à multiplicidade, “penetrar-se neste mar”.

Com efeito, esse poema de Rodas é extremamente visual, se valendo das metáforas naturais como extensão dos sentimentos do próprio eu-poético. Notamos aqui a presença do (a): morro, cerca, tempestade, folhas, vento, mar.

A natureza, representada pelo “verde morro” e pelas “folhas ao vento”, ocupa posição de destaque no texto. A cerca que “exclui a vista à tempestade” pode ser interpretada como um símbolo das limitações e barreiras encontradas na própria vida humana. Esse aspecto está colocado no texto em posição antitética. Afinal, os “espaços infinitos” além dela sugerem a vastidão do mundo e das possibilidades além das restrições percebidas: algo que se contrapõe ao cercamento da visão provocado pela cerca.



A meditação e a reflexão são também temas recorrentes no poema, destacando o processo de contemplação do eu lírico diante da natureza. A interação entre a paisagem e a reflexão interna revela um anseio por compreensão e tranquilidade. Essa busca se alinha com a percepção da natureza da natureza como um ambiente de transcendência evidenciado pelas expressões "silêncio sobre-humano" e o "infinito silêncio", que adicionam uma dimensão metafísica ao texto.

A sensação de "doce penetrar-se neste mar" sugere uma fusão entre o eu lírico e a natureza, reforça a ideia de busca pela transcendência e pela conexão com algo maior do que o próprio eu. Essa angústia pela posição do sujeito ilhado diante do jogo das aparências é um dos elementos característicos da vida moderna (COLOMBO, 2023) e, por extensão, da sua poesia. Nas palavras da autora (p. 23) "[a] vida moderna mostra como tudo é efêmero e vão, a cultura do vazio impulsiona a ação na busca irrefreada do prazer e do poder."

2.3.2Pescaria

O poema Pescaria se constitui, assim como o anterior, de uma estrutura única, sem divisão de estrofes. Também não há métrica fixa. A rima no poema é escassa, havendo apenas uma rima assonante com a vogal /o/ nos v. 08-09.

Sintaticamente, o poema está composto de três períodos, que se compõe dos v. 01-08; no v. 09 e dos v. 10-11. A pontuação aqui já assume uma função determinada em face de seu papel sintático, sobretudo para promover o encadeamento progressivo de ideias que acresce intensidade à lírica. Esse processo está claro na passagem:

As águas cristalinas, nas ondas das páginas, 01
deixam escapar sua profundidade e seus buracos,
e em um tipo diferente de pescaria,
só se observa os peixes a nadar



acompanha-os com os olhos, 05
linha após linha, de palavras escamosas e coloridas,
então comunga-se com sua forma
e por um momento é possível respirar no mergulho.

Na passagem em questão, o primeiro verso propõe uma relação entre as águas e as páginas. O eu-lírico apresenta a imagem das ondas cristalinas (v. 01); em seguida: a profundidade (v. 02); a pesca (v. 03); os peixes a nadar (v. 04-05). Enfim, nos v. 06-08, há uma sequência de expressões que evocam o sentimento de agitação: algo rompido pela expressão “por um momento é possível respirar no mergulho”.

A intensidade desse primeiro é rompida pelo v. 09:

Um pescado, um feliz achado.

Essa estrutura remete a uma condição de imobilidade antitética com a agitação da passagem anterior; tanto que o único verbo presente no período está em forma nominalizada “achado”.

A referida relação parece aludir à intensidade de um sujeito que, respectivamente: crê que se afogará; descobre que pode respirar sob a água e, ao final, finda por colocar-se em posição contemplativa em face do mundo aquático-literário.

Finalmente, os v. 01-11 encerram a condição de deslumbramento e contemplação do eu-poético posto diante do novo mundo.

A surpresa rapidamente escorrega pela respiração 10
fortuita literatura a me pescar.



Embora não haja ponto finalizador separando as orações, há dois núcleos presentes: um no v. 10; outro no v. 11. Sem embargo, a relação implícita entre as ações. No v. 10, o sujeito regressa à realidade de sua experiência na imersão literária. No v. 11, há o fecho que conclui a reflexão mediante uma constatação epifânica: a leitura arrematou tão completamente a atenção do leitor que, por um momento, houve um total descolamento do primeiro de sua realidade, ao ponto desse se perceber “em meio às águas da imaginação”.

A metáfora central do poema compara a leitura a uma pescaria, em que as palavras são os peixes a serem capturados. O foco está, destarte, na experiência imersiva da leitura, na qual o eu se desassocia do mundo para “capturar” os peixes do texto.

A referência à possibilidade de “respirar no mergulho” sugere uma conexão íntima e profunda com o texto, na qual o eu-lírico se identifica tão intrinsecamente com a fantasia que, por um momento, se desvincula totalmente da realidade. A “surpresa” que escorrega pela respiração destaca o impacto emocional da descoberta e da compreensão durante a leitura. A referência a um “pescado, um feliz achado” reflete a alegria e o encantamento de descobrir algo valioso e significativo durante a leitura.

2.3.3 Velhice

O poema Velhice, já em um primeiro momento, se destaca por não possuir qualquer sinal gráfico de pontuação. Não há, inclusive, emprego de letra maiúscula, senão com vistas à identificação de substantivo próprio.

Ademais, a métrica –como os anteriores– não se revela estável. Já as rimas, apresentam uma estrutura particular de desenvolvimento, cuja análise mais detalhada se apresenta em parágrafo seguinte.

Nos v. 01-02, há uma rima emparelhada rica com a repetição do fonema /as/ em “amorosas” (adjetivo) e “rosas” (nome). Em seguida, entre os v. 04-05,



se percebe a rima emparelhada com repetição do fonema /as/. Nota-se ainda uma assonante entre os v. 03-06 com a vogal /o/.

Sem embargo, a contar dos v. 07-12, as rimas encontram-se apenas esporadicamente e sem uma organização clara: o que pode servir ao propósito estético da autora de, através da desorganização proposital, representar a condição de diluição da vida vivenciada com a transição dos anos.

Tematicamente, é possível reconhecer um primeiro bloco temático presente nos v. 01-02, nos quais diz a autora que

falsas palavras amorosas 01
comparam a velhice a um jardim de rosas

Nesse primeiro momento, a autora começa com a sugestão de que a velhice é muitas vezes romantizada ou idealizada, ao ser comparada a um jardim de rosas.

Essa idealização, contudo, logo desfalece ao ser contraposta à representação da primeira como um "deserto árido". Essa contraposição cria uma tensão entre a expectativa e a realidade, reforçando a dureza e a crueza da condição da velhice. Nas palavras da poetisa:

mas a velhice é um deserto árido
com relógios quebrados
e escuros retratos antigos 05
espalhados no caminho

Interessa, todavia, destacar que a posição do eu-lírico apresenta, conscientemente, uma polifonia ideológica entre a voz do sujeito poético feminino que experimenta a velhice e a voz do *outro* que emite um discurso vazio a respeito do que não se verifica diante da experiência pessoal. Tal



mecanismo pode ser caracterizado como a sonância contígua de vozes junto ao autor, cujos discursos, não obstante possam encontra-se em atrito, são entoados em mesma altura (BAKHTIN, 1981).

Há ainda uma postura melancólica do sujeito poético, que percebe a velhice como uma condição permeada pela presença da morte, seja essa em forma de memória, como explícito em:

a velhice é uma estrada perigosa
com fantasmas indo e voltando
e rumiando palavras vazias

Nesse recorte, o perigo da velhice parece residir no fato de que ela é, de alguma forma, “assombrada” pelo atravessamento impassível do tempo. Esse, por sua vez, não aparece explicitamente, mas no “ruminar” das palavras vazias e dos fantasmas (do passado talvez). Ao que indica a leitura, esse resgate do passado corroído alude à experiência memorada e que já se perdeu pela própria passagem dos anos –pois não se pode reviver o passado– e pela saudade também dos momentos, das pessoas *etc* que já não podem regressar.

Enfim, a melancolia do eu-lírico se assenhora nos versos finais:

perto das Moiras que vigiam a linha do horizonte 10
onde permanecem inalcançáveis
o esboço dos destinos humanos e uma tesoura

Nesse segmento, a referência às Moiras torna clara a presença da morte no poema. A condição de transitoriedade da vida humana ganha destaque, sendo destacada sua fragilidade inerente. O destino do humano representa a alusão ao mito de que as três Moiras seriam capazes de tecer –e cortar– as linhas que representam a vida. Nesse contexto, a presença da tesoura indica a



condição de insegurança, não sobre a morte, mas sobre seu momento de chegada. A menção à "tesoura" e ao "esboço dos destinos humanos" aponta para a ideia de que o destino está, de algum modo, predestinado a despeito do desejo subjetivo.

Os "relógios quebrados" e os "escuros retratos antigos" simbolizam a deterioração e o esquecimento que frequentemente acompanham a velhice. Ambas as evocações assumem um carácter visual, que contribui para a visualização dos objetos, cuja degradação material atua como uma metáfora da degradação particular do próprio sujeito poético "vitimado" pela velhice.

Finalmente, a comparação da velhice a uma "estrada perigosa" com "fantasmas indo e voltando" destaca o sentimento de solidão, medo e nostalgia que acompanham o sujeito poético diante da passagem do tempo. A imagem das "palavras vazias" sendo rememoradas traz à tona a sensação de desesperança e isolamento, indicando a falta de comunicação significativa e o vazio emocional que acompanha esse eu.

2.4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E RELAÇÕES ENTRE OS POEMAS

A análise individual dos poemas revela, a despeito das peculiaridades inerentes às questões particulares da autoria, alguns pontos de alinhamento. Essa seção se detém sobre esse ponto em específico, deixando, em virtude da extensão do texto, as diferenças em um plano secundário. Nesse sentido, é possível destacarmos três aspectos centrais presentes nos textos: 1) o individualismo; 2) a melancolia e 3) a relação diádica entre o eu e o mundo.

De um modo geral, os três poemas revelam a profundidade e a complexidade das experiências humanas, explorando emoções e reflexões fundamentais sobre a vida, a natureza e o envelhecimento. O tema da vida desde a perspectiva de um sujeito individual imerso em um coletivo estranho (e algo *infamiliar*) permeia a construção estética dos textos. Variação I percebe a condição de um sujeito ilhado em busca da conexão com algo mais além; em



Pescaria, tal sujeito se percebe enquanto uma figura já em busca de uma desconexão com a realidade abrasadora, algo manifesto em sua “submersão” no oceano onírico da literatura e, finalmente, em Velhice, a condição de conflito do eu com o coletivo se reforça através da percepção ensejada pela alteridade acerca da velhice.

Talvez a melancolia presente nos poemas mereça, futuramente, uma atenção mais detalhada. Isso porque a primeira não se encontra tão clara diante da materialidade textual apresentada. É dizer: trata-se de um aspecto subjetivo e, por isso, subjacente pelo conjunto das obras. É possível que isso se deva ao fato de que o sentir não é representável materialmente, nem possui correspondência com algum ente concreto, senão que se revela através de uma resposta do ser senciente ao estímulo que o produz.

Partindo, destarte, dessa percepção, o recurso visual presente nos poemas é de valor. Afinal, a sensação de solidão contemplativa do primeiro texto, a perda de si em um ato de leitura do segundo e a reminiscência dolorosa do terceiro texto são representações que evocam o sentimento de melancolia, que não deve ser confundido com “tristeza”. Trata-se de uma percepção desiludida da realidade, algo pessimista e, pelo próprio fazer poético, escapista. Isso se revela em termos meta-textuais, uma vez que o ato de escrever é, para o sujeito moderno, um ato de fuga pela via da fantasia. A posição solitária dos eu-líricos também corrobora para a defesa de semelhante percepção.

Finalmente, a relação eu-mundo é o aspecto mais contínuo dentro dos três textos. Em todos os poemas, percebemos a díade eu-mundo. Essa ora é expressa na contemplação da natureza como uma fuga da agrura proporcionada pela vida nessa realidade; ora na imersão da leitura e ora na própria melancolia da reminiscência. Esse elemento é característico da modernidade, representando, na literatura, enquanto uma “crônica” de sua época, a angústia dos sujeitos cuja existência está inevitavelmente imersa em um período de crise dos valores, das ideias e dos princípios.



Enfim, mesmo escritos por perspectivas distintas, por seres humanos distintos e em contextos distintos, a macroestrutura da sociedade moderna se manifesta no texto e não deixa dúvidas de que sua localização temporal é um elemento fundamental para sua análise. Afinal, mesmo diante de uma variação, como é o caso do primeiro poema analisado, as intencionalidades, subjetividades e características desse em face do texto de Leopardi são fundamentalmente distintas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo analisar três poemas publicados no ano de 2023 por três pessoas escritoras contemporâneas. O estudo observou a presença de diversos elementos da Modernidade nos textos, salientando-se, entre esses a individualidade, o subjetivismo, a visão melancólica da realidade, bem como a relação dividida entre o sujeito e o coletivo.

TRABALHOS CITADOS

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1981.

BOSI, Alfredo; CAPINHA, Graça. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das letras, 1992. Disponível em: <https://afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Bosi,%20Alfredo/Dialetica%20Da%20Colonizacao.pdf>. Acesso em: 11 de out. 2023.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. Editora Cultrix, 1994. Disponível em: <https://www.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=LG944ZsniVcC&oi=fnd&pg=PA5&dq=alfredo+bosi&ots=oYZ49Xd2m4&sig=tixJKp9Sf28RLWJ90aq34nAyQN8>. Acesso em: 11 de out. 2023.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. São Paulo: Martins, 1964. Disponível em:



[https://www.academia.edu/download/42868535/CANDIDO Antonio - Prefacios para a Formacao da literatura brasileira.pdf](https://www.academia.edu/download/42868535/CANDIDO_Antonio_-_Prefacios_para_a_Formacao_da_literatura_brasileira.pdf). Acesso em: 11 de out. 2023.

COLOMBO, M. Modernidade: a construção do sujeito contemporâneo e a sociedade de consumo. **Revista Brasileira de Psicodrama**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 25–39, 2020. Disponível em:

<https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/213>. Acesso em: 21 out. 2023.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Horizonte, 2017. Disponível em:

<https://www.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=SjHgDQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=regina+dalcastagn%C3%A9&ots=QxALy3wAZ-&sig=6bqS34OYsVmjVmRT2-2knL70O5A>. Acesso em: 15 de out. 2023.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Trad. DUTRA, Waltensir São Paulo: Martins Fontes, 1983. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/56123021/Terry Eagleton O que eh literatura.pdf](https://www.academia.edu/download/56123021/Terry_Eagleton_O_que_eh_literatura.pdf). Acesso em: 11 de out. 2023.

FURINI, Isabel. Velhice. **Revista Sucuru**, Nº 31-Setembro 2023. Campina Grande-PB. Disponível em:

<https://www.bing.com/ck/a?!&&p=03727a4d05dd66b1JmltdHM9MTY5NzMyODAwMCZpZ3VpZD0xZTg5NDk1Yi01MGM1LTY3ZTQtM2I3My01YjI2NTEwYjY2Y2QmaW5zaWQ9NTE3OQ&pptn=3&hsh=3&fclid=1e89495b-50c5-67e4-3b73-5b26510b66cd&psq=revista+sucuru&u=a1aHR0cHM6Ly9tZWVpdW0uY29tL3JldmlzdGEtc3VjdXJ1L3JldmlzdGEtc3VjdXJ1LW4tMzEtc2V0ZW1icm8tMjAyMy02YzZlMGElMTIyMGE&ntb=1>. Acesso em: 15 de out. 2023.

GINZBURG, Jaime. Notas sobre elementos de teoria da narrativa. **Esse rio sem fim-Ensaio sobre a literatura e suas fronteiras. Pelotas: Relatos**, p. 113-136, 2000. Disponível em:

[https://www.academia.edu/download/83343437/Notas sobre elementos de Teoria da Narrativa.pdf](https://www.academia.edu/download/83343437/Notas_sobre_elementos_de_Teoria_da_Narrativa.pdf). Acesso em: 11 de out. 2023.



OLIVEIRA, Larissa C. G. Pescaria. **Revista Sucuru**, Nº 31-Setembro 2023. Campina Grande-PB. Disponível em: <https://www.bing.com/ck/a?!&&p=03727a4d05dd66b1JmltdHM9MTY5NzMyODAwMCZpZ3VpZD0xZTg5NDk1Yi01MGM1LTY3ZTQtM2I3My01YjI2NTEwYjY2Y2QmaW5zaWQ9NTE3OQ&p=3&hsh=3&fclid=1e89495b-50c5-67e4-3b73-5b26510b66cd&psq=revista+sucuru&u=a1aHR0cHM6Ly9tZWVpdW0uY29tL3JldmlzdGEtc3VjdXJlL3JldmlzdGEtc3VjdXJlLW4tMzEtc2V0ZW1icm8tMjAyMy02YzZlMG E1MTIyMGE&ntb=1>. Acesso em: 15 de out. 2023.

QUEIROZ, Rachel de. **Entrevista com Rachel de Queiroz**: Programa Roda Viva. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/zzCoEwnI-Ek>. Acesso em: 15 de out. 2023.

RODAS, Daniel. O Infinito: Duas Palavras. **Revista Sucuru**, Nº 31-Setembro 2023. Campina Grande-PB. Disponível em: <https://www.bing.com/ck/a?!&&p=03727a4d05dd66b1JmltdHM9MTY5NzMyODAwMCZpZ3VpZD0xZTg5NDk1Yi01MGM1LTY3ZTQtM2I3My01YjI2NTEwYjY2Y2QmaW5zaWQ9NTE3OQ&p=3&hsh=3&fclid=1e89495b-50c5-67e4-3b73-5b26510b66cd&psq=revista+sucuru&u=a1aHR0cHM6Ly9tZWVpdW0uY29tL3JldmlzdGEtc3VjdXJlL3JldmlzdGEtc3VjdXJlLW4tMzEtc2V0ZW1icm8tMjAyMy02YzZlMG E1MTIyMGE&ntb=1>. Acesso em: 15 de out. 2023.

VIEIRA, André Guirland. Do conceito de estrutura narrativa à sua crítica. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 14, p. 599-608, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/Wh3v8SmLpWjLqZnVmR5QGhx/?lang=pt>. Acesso em: 11 de out. 2023.

ZILBERMAN, Regina. **Teoria da literatura I**. IESDE BRASIL SA, 2012. Disponível em: <https://www.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=u1qE42f9foUC&oi=fnd&pg=PA11&dq=teoria+da+literatura&ots=OLPjPYnRbK&sig=LhqhKXN4Xl8aLfbaygixKrCIAM>. Acesso em: 11 de out. 2023.